


A emergência de construções causativas perifrásticas em Nheengatu do século XIX

The emergence of periphrastic causative constructions in 19th century Nheengatu


Aline da Cruz

*Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil*
acruz@ufg.br

 <http://orcid.org/0000-0003-0448-3137>

Elivelto Cardoso e Silva

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil
veltopiri@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-5367-8315>

Abstract: Nheengatu, also known as Amazonian Lingua Geral, is a Tupinambá language (Tupi-Guarani branch, subgroup III) heavily influenced by linguistic contact. This article aims to analyze causative constructions in the nineteenth century Nheengatu, based on the narratives recorded by Barbosa Rodrigues (1890). We also present an investigation of causatives in three historical moments: (a) the sixteenth-century Tupinambá (Rodrigues 1953); (b) the nineteenth-century Nheengatu; and (c) the twenty-first century Nheengatu (Da Cruz 2011). As a result, it was observed that in the nineteenth century Nheengatu, there were three causative constructions: one with the causative prefix, one with a causative suffix, and a peripheral construction. The two morphological constructions are conservative forms, also found in Tupinambá. Therefore, the peripheral causative construction is an innovation, which emerged from the contact between Nheengatu and Brazilian Portuguese varieties.

Keywords: Nheengatu; Causative; Tupi-Guarani Languages.

Resumo: Este artigo objetivou analisar as construções causativas em Nheengatu do século XIX, a partir da análise de narrativas registradas por Barbosa Rodrigues (1890). O Nheengatu, conhecido como língua geral amazônica, originou-se a partir de processos de mudanças induzidas por intenso contato linguístico pelas quais passou o Tupinambá (Tupi-Guarani, subgrupo III) no período colonial. Um segundo objetivo é propor uma investigação diacrônica das causativas, comparando essas construções em três momentos: (a) o Tupinambá do século XVI (Rodrigues 1953); (b) o Nheengatu do século XIX; (c) o Nheengatu do século XXI (Da Cruz 2011). Como resultado, observou-se que em Nheengatu oitocentista havia três construções causativas: uma construção com prefixo causativo; uma construção com sufixo causativo; e uma construção perifrástica. As duas construções morfológicas constituem formas conservadoras, encontradas também em Tupinambá. Por sua vez, a causativa perifrástica é uma inovação, que emergiu a partir do contato do Nheengatu com variedades do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Nheengatu; Causativo; Línguas Tupi-Guarani.

1 Introdução

Em Rio Babel: a história das línguas na Amazônia, o historiador José Ribamar Bessa Freire (2004) traça os percursos históricos e sociais acerca da formação do Nheengatu, entre os séculos XVII e XX. Segundo o autor, o Nheengatu, também conhecido como língua geral amazônica (LGA), teria surgido a partir de mudanças induzidas por intenso contato pelas quais teriam passado o Tupinambá, da família Tupi-Guarani falado na costa brasileira, e se desenvolveu como língua franca na Amazônia em decorrência do processo de colonização do Brasil, a partir de 1616, com a fundação de Belém.

Quando os primeiros colonos portugueses chegaram ao país, defrontaram-se com centenas de línguas indígenas na Amazônia e dentre elas, inicialmente,

a língua tupinambá acabou [...] exercendo a função inicial de língua de comunicação entre os portugueses e os diferentes povos tupis da região, tornando-se ainda, paulatinamente, a língua materna dos mestiços, filhos de pais europeus e mães indígenas. (Bessa Freire 2004: 57)

Ainda, segundo Bessa Freire (2004), o Tupinambá, durante o período colonial, teria mantido contato direto com diversas línguas, dentre indígenas, africanas e latinas, o que contribuiu para que emergissem mudanças lexicais e estruturais, o que

levou a sua transformação em língua geral amazônica que acabou se consolidando, no início do século XVIII, como língua de comunicação interétnica, usada nas escolas, na catequese, na igreja e nas aldeias.

Segundo Da Cruz (2011), atualmente o Nheengatu é falado por cerca de oito mil pessoas, há seis mil falantes no Brasil e dois mil na Venezuela, é a língua oficial do município de São Gabriel da Cachoeira – AM e é a língua dos povos Baniwa, Baré e Werekena, pois estes substituíram as línguas que falavam, pertencentes à família Arúak do Norte, pelo Nheengatu.

Como resultado de cerca de quatrocentos anos de contato, o Nheengatu distanciou-se estruturalmente do Tupinambá que existia no século XVI. Para identificar e compreender essas mudanças, foi concebido o projeto “Do Tupinambá ao Nheengatu: investigação das mudanças induzidas por contato”, no qual este trabalho se insere. Neste trabalho, realizou-se um estudo sintático das ocorrências de construções causativas no Nheengatu do século XIX e uma comparação com as do Tupinambá e com as da atualidade, a fim de verificar mudanças nas estruturas verbais da língua.

Segundo Shibatani (1976), a situação causativa é definida como uma relação entre dois eventos, um evento-causa e um evento-efeito, de tal forma que a ocorrência deste é inteiramente dependente daquele. A situação causativa é expressa de diferentes formas nas línguas do mundo, podendo utilizar-se apenas de procedimentos morfológicos, ou apresentar estruturas perifrásticas, formadas por um verbo auxiliar e um verbo lexical.

Construções causativas perifrásticas não existiam nas estruturas sintáticas do Tupinambá antigo, mas são recorrentes no Nheengatu atual, assim como também são comuns em Português Brasileiro. Ademais, o levantamento e a análise dos dados, ao longo da realização deste trabalho, são úteis para que se possa entender o comportamento do fenômeno da causativização no Nheengatu e algumas de suas mudanças estruturais do século XIX até o século XXI.

2 Metodologia

Esta seção é dividida em duas subseções. Na primeira (2.1), apresenta-se o material de análise utilizado para este estudo. Na segunda (2.2), apresentam-se os critérios de análise linguística, utilizados para investigar a evolução das construções causativas no Nheengatu.

2.1 *Material de Análise*

O livro *Poranduba Amazonense*, de João Barbosa Rodrigues, registra diversas narrativas em Nheengatu do século XIX, por isso constitui um corpus importante e expressivo que retrata o estado do Nheengatu falado naquela época. Barbosa Rodrigues (1842-1909), nascido em São Gonçalo do Sapucaí - RJ, foi um engenheiro, naturalista e botânico brasileiro que esteve na Amazônia em uma missão científica do governo imperial (1872-1875) e anos mais tarde organizou e dirigiu, em Manaus, o Jardim Botânico, inaugurado em 1883 sob o patrocínio da Princesa Isabel e extinto após a Proclamação da República. Durante o período em que esteve na Amazônia, fez o registro de diversas narrativas que compõem o objeto de pesquisa deste trabalho. Além do mais, destaca-se, a partir de contribuições de Lima-Schwade (tese em andamento/UNICAMP) tomando como base Bessa Freire (2003), que Barbosa Rodrigues escrevia a “literatura testemunhal” que, era realizada por escritores profissionais ou cientistas sociais, quando coletavam dados de informantes qualificados, preservando, assim, uma estrutura narrativa e um estilo peculiar da fonte oral. No mesmo sentido, a autora reconhece, a partir de Edelweiss (1969), que se deve ter cuidado em relação a esse tipo de registro, tendo em vista equívocos e contradições cometidas por Barbosa Rodrigues. Porém, mesmo levando em conta as considerações de Edelweiss, a autora reconhece a importância dos registros realizados por Barbosa Rodrigues (1890) para o desenvolvimento de estudos sobre o Nheengatu do século XIX, tendo em vista que se trata da única fonte de narrativas da época.¹ Na figura 1, segue um excerto desse conjunto de registros narrativos.

Fig. 1: Fonte: Barbosa-Rodrigues 1890

I

CURUPIRA CAMUNUÇARA IRUMO

O Corupira e o Caçador

(RIO BRANCO)

Yepé camunuçara u caíma caa pé, arupi u puitá, arupi
Um caçador se perdeu mato no, por lá ficou, lá
u quire, u cêca yepé muirá uaçu uirpe aap u quire.
por dormiu, chegando a uma árvore grande debaixo ahi dormiu.
U cendó u çacema.
Ouvia gritar.

Na figura 2, há um recorte da tradução do excerto anteriormente ilustrado.

¹Os autores deste artigo agradecem à pesquisadora Michéli Carolíni de Deus Lima-Schwade (UNICAMP) pela importante contribuição realizada a partir de sua tese em andamento.

Fig. 2: Fonte: Barbosa-Rodrigues 1890

82

TRADUÇÃO LITTERAL DA LENDA ANTECEDENTE

O Corupira e o Caçador

Um caçador perdeu-se no matto e lá ficou. Chegando debaixo de uma grande arvore, dormio (!).
Ouvio gritar.

A partir da análise dos dados disponibilizados no *Poranduba Amazonense*, foi possível descrever as construções causativas no Nheengatu oitocentista e traçar o desenvolvimento dessas estruturas, a partir de comparações com os dados relativos ao Tupinambá, em Rodrigues (1953), e ao Nheengatu atual, conforme dados coletados em pesquisa de campo realizada por Da Cruz (2011).

2.2 Critérios de Análise

A primeira etapa deste trabalho consistiu no levantamento de verbos que apresentavam o morfema de valência causativa *mu-*. Por conseguinte, foram levantadas e analisadas as ocorrências de construções causativas morfológicas, como ilustrado em (1). Posteriormente, realizou-se um levantamento e uma análise das construções causativas perifrásticas, ou seja, aquelas em que há um verbo auxiliar de função causativa e verbos lexicais, como ilustrado em (2):

- (1) Construção causativa morfológica (morfema *mu-* modificando um único verbo):

Tambaka	nhaã miku
ta-mu-paka	nhaã miku
3PL.A-CAUS-acordar	dem mico

‘Acordaram aquele mico’. (Da Cruz 2011: 287)

- (2) Construção causativa perifrástica (verbo auxiliar de função causativa: *amüdu*, e verbos lexicais: *tumunhã, ãbuerã*):

a-su a-mũdu tu-munhã yãda=rã escola
 1SG.A-ir 1SG.A-mandar 3PL.A-fazer 1PL.A=FIN escola
ũ-bue=rã
 3SGLA-ensinar=FIN

‘Vou mandar eles fazerem para nós escola para ensinarem’.

A segunda etapa da pesquisa constituiu-se da busca de outros processos de causativização, a partir da leitura pormenorizada de todo o material de análise. Em seguida, os resultados foram comparados aos dados do século XXI, tal como analisado por Da Cruz (2011), para que fosse possível verificar quais construções causativas presentes no Nheengatu atual, existiam no século XIX e compreender as possíveis mudanças linguísticas em se tratando do fenômeno da causatividade. Por fim, compararam-se as construções causativas presentes em Nheengatu oitocentista a esse mesmo tipo de construção em Tupinambá para verificar até que ponto o Nheengatu oitocentista era conservador ou inovador.

3 Análise sincrônica das construções causativas do Nheengatu do século XIX

Nesta seção, apresenta-se uma descrição sincrônica das estruturas causativas no Nheengatu do século XIX. Para tanto, apresenta-se, em 3.1, o levantamento das estruturas causativas prefixais; em 3.2, o levantamento de construções causativas sufixais; e, em 3.3, o levantamento das construções causativas baseadas em estruturas perifrásticas.

3.1 Causativas prefixais

Acerca das construções causativas encontradas a partir das análises realizadas nas narrativas do século XIX, verifica-se que o morfema *mu-* modifica verbos intransitivos do sintagma oracional e, então, constrói estruturas linguísticas causativas. A intransitividade dos verbos em questão nos é ilustrada em (3a) e (4a), com a contraparte transitiva, a partir da derivação por causativo, apresentada em (3b) e (4b), respectivamente².

²Neste artigo, manteve-se a grafia original das narrativas encontradas em Rodrigues (1890) acrescentando-se apenas hífen para a devida separação de afixos.

- (3) a. **Paner u-iupiru ramé u-pupure tatatinga³ achii**
panela 3A-começar quando 3A-ferver fumaça ?
u-cemo andirá etá⁴
3A-sair morcego pl
'Quando começou a ferver, da fumaça, saíram morcegos.' (p. 109)
- b. **Cuité i-catu ipó i u-mu-pupure poaçu arama**
Então 3NA-botar talvez água 3-CAUS-ferver grosso FIN
u-puitá.
3A-ficar
'Será bom, talvez ferver a água para engrossar.' (p. 263)
- (4) a. **Achii u-cema amu etá uirá etá muiuy etá.**
Depois 3A-sair outro PL pássaro PL andorinha PL.
'Depois saíram outras aves, como andorinhas.' (p.110)
- b. **aé uena apegua u-maan oca pequeté, u-maan bóia**
3SG logo homem 3A-olhar casa para dentro 3A-ver cobra
etá mu-cema iunto iço yápocó.
PL CAUS-sair só ? línguas
'O homem olhou para dentro de casa e viu somente cobras pondo as línguas de fora.' (p. 42)

Em (3a), nota-se que o verbo *pupure* 'ferver', sem a modificação do prefixo *mu-*, seleciona apenas um argumento o qual é representado pelo morfema de terceira pessoa *u*, em concordância com o sintagma nominal, *panera* 'panela', e nenhum objeto, caracterizando, então, a intransitividade verbal. Em (3b), nota-se que o verbo *pupure*, modificado pelo prefixo *mu-*, seleciona dois argumentos e, então, tem-se *mu-pupure* selecionando um sujeito representado pelo morfema de terceira pessoa *u-* e um objeto *i* 'água'. Isso, em (4a), evidencia-se por meio do verbo *cema* 'sair' que, sem a modificação do prefixo *mu-*, seleciona um único argumento *amu etá*, *uirá etá*, *muiuy etá* 'os outros, os pássaros, as andorinhas'. Em (4b), tem-se o verbo *mu-cema* modificado por *mu-*, selecionando um sujeito representado por *bóia etá*

³Nos dados do século XIX, o prefixo *u-* indica apenas 3ª pessoa, não sendo possível ainda distinguir pelo prefixo entre o singular e plural. Apenas no século XXI, a forma cognata *u-* passa a ser analisada como 3SG, em oposição a *ta-* em variação dialetal com *tu-*, indicando 3PL. Com relação aos pronomes livres, no século XIX, já havia a distinção *ae* 'ele/ela' e *aita* 'eles/elas' (Cf. Da Cruz 2015 para detalhes a respeito do desenvolvimento dos afixos de número em Nheengatu).

⁴Nas glosas dos dados do século XIX, será colocado o símbolo interrogação em caso de dúvidas a respeito da análise.

‘cobras’ e um objeto representado por yápoçó ‘línguas’. Também se percebeu, ao longo da pesquisa, a ocorrência da alomorfa mu- ~ mo-. Os exemplos (3b) e (4b) acima indicam a presença do alomorfe mu-, ao passo que os exemplos (5) e (6), exemplificam o alomorfe, ~ mo-. Observe:

- (5) **Muras ruichaua payé etá irumo u-mo-canhema Yacurutu.**
 Muras chefe feiticeiro PL COM 3A-CAUS-perder Yacurutu
 ‘Estavam outr’ora os chefes Muras com os feiticeiros para fazerem perder-se o Yacurutu.’ (p. 267)
- (6) **Aé uana, paá, u-iupire muirá ape u-mo-apu Maracá**
 Então REP 3A-subir pau aí 3A-CAUS-tocar Chocalho
u-caro pirá.
 3A-esperar peixe
 ‘Então, subiu no pau, tocou o chocalho e esperou o peixe.’ (p. 192)

Trata-se, aparentemente, da realização fonética do morfema de valência causativa mu- transitando entre uma vogal posterior arredondada alta e uma média, fenômeno que nos parece pouco comum à época, em razão do limitado número de dados encontrados, e que foi apagado, historicamente, da língua pelos falantes, explicando a razão de na atualidade haver apenas a ocorrência de mu-. Entretanto, sabe-se que o morfema mo- se sobrepunha ao mu- quando o Tupinambá era uma língua viva. Logo, esses dados indicam uma rara ocorrência conservadora de mo- e uma predominância de mu- no Nheengatu já no século XIX. A construção causativa com prefixo mu- (∞ mo-) cria um verbo que, como qualquer outro verbo, pode sofrer o processo de reduplicação. Conforme analisou Da Cruz (2014: 128), a reduplicação em Nheengatu expressa pluracionalidade, definida como a categoria semântica que expressa por Cusic (1981 apud Da Cruz 2014) “multiplicidade de ações, eventos, ocorrências, ocasiões entre outras”. Em termos fonológicos, Da Cruz (2014) afirma que, na língua em questão, esse fenômeno é caracterizado pela reduplicação do pé silábico acentuado, originando um reduplicante que é sempre localizado à esquerda (em posição prefixal). Em Nheengatu, o acento é lexicalmente atribuído à última ou penúltima sílaba. Em (7a), apresenta-se um verbo com acento final, com sua contraparte causativa (7b), a qual passa pelo processo de reduplicação (7c). Em (8a), apresenta-se um verbo intransitivo com acento final, e suas contrapartes causativas (8b) e causativa com reduplicação (8c) :

- (7) a. **pinima** [pi'nima]
 ser.colorido
 ‘ser colorido’

- b. **u-mu-pinima** [muni'nima]
3SGL.A-CAUS-ser.colorido
'ele escreveu / ele pintou'
- c. **u-mu-pini~pinima** [umpinipi'nima]
3SGL.A-CAUS-RED~ser.colorido
'ele escreveu repetidamente / ele pintou repetidamente' (Da Cruz 2014: 125)
- (8) a. **u-paka** [u'paka]
3SGL.A-acordar
'ele acordou'
- b. **u-mu-paka** [u'mbaka]
3SGL.A-CAUS-acordar
'ele fez alguém acordar'
- c. **u-mu-paka~paka** [umbã'baka]
3SGL.A-CAUS-RED~acordar
'ele acordou um número inespecífico de pessoas' (Da Cruz 2014: 126)

Assim como no Nheengatu do século XXI, o Nheengatu oitocentista também utiliza reduplicação como uma forma de expressar pluracionalidade. Observa-se em (9a) que *çaca* ocorre com o morfema causativo indicando o evento 'cortar', *muçaca*, já em (9b) percebe-se a reduplicação silábica de *ça* compondo *mu-ça-çaca* 'despedaçar'.

- (9) a. **Curumiuauçu u-maan tatu-rucuera tatá-pe u-mu-çaca**
Rapagão 3A-ver tatu-carne fogo-LOC 3A-CAUS-separar
iacêquera u-ú.
pedaço 3A-comer
'O rapagão vendo a carne de tatu no fogo tirou um pedaço e comeu.' (p. 66)
- b. **u-mu-ça-çaca paua çoôcuera.**
3A-CAUS-RED-despedaçar toda carne
'Despedaçaram toda carne.' (p. 37)

Em termos fonológicos, o reduplicante é formado pelo pé silábico acentuado. Em (10a), *munuca* 'cortar' tem acento pré-final, por isso, o reduplicante é *munu*. Em termos semânticos, a reduplicação permite que o evento pontual *munuka* 'cortar' (10a) seja indicado como acontecendo inúmeras vezes em uma única ocasião, *munu~munuca* 'esquartejar' (10b).

- (10) a. **Aéuana, paá, apegaua u-mu-nuca macaca pô.**
 Logo, REP homem 3A-CAUS-cortar macaco mão.
 ‘Então, dizem, que o homem cortou o dedo do macaco.’ (p. 35)
- b. **Ariré curumi uier u-munu-mu-nuca auimi**
 Depois menino descer 3A-RED-CAUS-cortar velha
 ‘O menino, depois, desceu, esquartejou a velha.’ (p. 55)

3.2 Causativas sufixais

Ainda, a respeito das construções causativas encontradas em Barbosa Rodrigues (1890), observou-se a ocorrência da forma linguística *-care*, a qual Barbosa Rodrigues traduz como ‘mandar’. Sintaticamente, *-care* ocorria com verbos transitivos em posição de sufixo. Pode-se perceber sua ocorrência a partir dos dados:

- (11) **Cha piruca-care cuchiyma, ariri cha-mu-nhaçuca**
 1SG pelar-CAUS antigamente depois.disso 1SG.A-CAUS-lavar
Quêinha irumo, arecé cauã ce-acanga.
 pimenta com depois cabelos 1SG.NA-cabeça
 ‘Mandi pelar minha cabeça; depois lavei-a com pimentas; depois me vieram os cabelos.’ (p. 40)
- (12) **Aés ana, paá, curumi etá paia i-pêaiua payé recé aé**
 1SG já, REP, menino PL país 3NA-zangar payé em 3SG
uana, aité munhan-care aité cachiry, aité u-ú arama,
 já 3SG fazer-CAUS 3SG cachiry 3PL 3A-beber FIN
aé uana, paá, aité, cenõe-care ure arama u-ú aité
 3SG já REP 3PL chamar-CAUS vir FIN 3A-beber 3PL
irumo.
 COM
 ‘Dizem então que os pais dos meninos zangaram-se com o pajé, que mandaram fazer um grande cachiri para beber, e mandaram vir o pajé para beber com eles.’ (p. 113)
- (13) **Ah! Ce-mbira re-munhan-care yandé cupichaura.**
 INT 1SG.NA-filha 2SG-fazer-CAUS 1PL.NA roça
 ‘Ah! Minhas filhas, mandem fazer nossa roça.’ (p. 179)
- (14) **Cáru, paá, u-maan ramé nhaan mira reía**
 Cáru REP 3A-ver quando aquela gente porção
u-munhan-care maá çuquire u-mo-çangua arama nhaan
 3A-fazer-CAUS coisa verde 3A-CAUS-assinar FIN aquela

mira.

gente

‘Contam que Caru quando viu aquele bando de gente mandou fazer uma coisa verde para assinalar aquela gente.’ (p. 249)

Em (11), *-care* modifica o verbo transitivo *piruca*, construindo o evento ‘mandei pelar’, já em (12) *cenõe* é o verbo transitivo modificado pelo sufixo de causativização para a construção do evento ‘mandei chamar’. Nos exemplos (13) e (14), *vê-se* a ocorrência de *-care* com o verbo transitivo *munhan* criando o evento ‘mandei fazer’.

3.3 *Causativas perifrásticas*

Construções causativas estruturadas por meio de perífrase também eram recorrentes nas estruturas do Nheengatu do século XIX. A partir dos levantamentos realizados, percebeu-se que ocorriam produtivamente com o verbo transitivo *munu* ‘mandar’ (mundu na atualidade). Notou-se que *munu* atuava como verbo auxiliar o que pode ser verificado a partir dos sintagmas (15) e (16):

- (15) **U-cenó u-quiriri i-mexire u-re u-maan, U-munu yereo**
3A-ouvir 3A-calar 3NA-assado 3A-ir 3A-ver 3A-mandar virar
tiué u-yereo.
não mais 3A-virar.

‘Vendo o assado calado foi ver, mandou virar-se e este não se virou.’ (p. 67)

- (16) **Izy u-incuáu iuire u-munu aetá u-iucuacu.**
Izy 3A-aparecer outra vez 3A-mandar 3PL 3A-jejuar
‘Izy apareceu outra vez e os mandou jejuarem.’ (p. 112)

4 **Análise diacrônica das construções causativas no Tupinambá, no Nheengatu do século XIX e no Nheengatu do século XXI**

Esta seção é organizada em três partes em que, no item 4.1, se verá a comparação do Nheengatu do século XIX com o Tupinambá e, no item 4.2 se verá a comparação dos dados relativos ao século XIX com o Nheengatu do século XXI.

4.1 *Comparação do Nheengatu do século XIX com o Tupinambá*

Nesta seção, serão indicadas semelhanças e diferenças das construções causativas encontradas no Nheengatu do século XIX com o Tupinambá. Para isso, inicialmente, recorreu-se a Rodrigues (1953) em *Morfologia do verbo Tupi*, em que foi possível notar que as construções morfológicas, tanto com o prefixo *mo-* quanto com o sufixo *-care*, já ocorriam em Tupinambá. Com relação ao Tupinambá, o Nheengatu oitocentista inova pela construção perifrástica.

Inicialmente, em *Morfologia do verbo Tupi*, verificou-se o registro de construções causativas em Tupinambá com prefixo *mo-*. Rodrigues (1953: 135) registra a ocorrência dessa construção causativa prefixal com a variação *mbo- ~ mo-*, alguns dos exemplos apontados pelo autor são: o evento *úr ‘vir’* com o sufixo *mbo-* criando *mbo-úr ‘fazer vir’* e o evento *ñán* com o sufixo *mo-* construindo *mo-ñán ‘fazer correr’*.

Velázquez-Castillo (2002: 514-523), em *Guaraní causative constructions*, observa também a ocorrência de um tipo de causativa prefixal com a variação *mo- ~ mbo- ~ mbu- ~ mby-* muito produtivo em Guaraní, o qual a autora também diz que ocorre com verbos intransitivos. Além disso, Seki (2000: 289-290), em *Gramática do camaiurá – Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*, também evidencia a recorrência desse tipo de construção prefixal em Kamaiurá que é registrado pela linguista com o morfema *mo-* e chamado de causativo simples. Nesse sentido, ressalta-se que esse tipo de construção causativa prefixal é recorrente em línguas do tronco tupi. Além do mais, ressalta-se que Rodrigues (1953) destaca uma construção sufixal causativa recorrente em Tupinambá, chamada por ele de causativa-prepositiva, com o morfema *-ukár*. Em Rodrigues (1953: 137) não se encontra sentenças completas com exemplos em que esse sufixo ocorre, mas o autor cita os seguintes dados que demonstram a construção causativa-prepositiva: *iuká-ukár*, o evento *iuká ‘matar’* com o sufixo *-ukár* construindo o evento ‘fazer com que se mate’; *mo-ndó-ukár*, o evento *mo-ndó* modificado por *-ukár* formando ‘fazer com que se envie’; *epiák-úkár*, o evento *epiák* com *-ukár* originando ‘fazer com que se veja’. Em outras línguas Tupi-Guarani, também encontramos dois morfemas causativos. Seki (2000), em sua análise do Kamaiurá, descreve também um sufixo de causativização, o *-ukat*, que a autora afirma ter o sentido de ‘causar/mandar/fazer’ e que ocorre com verbos transitivos. Abaixo, segue um exemplo desse tipo de ocorrência causativa sufixal em Kamaiurá:

- (17) **kujã-a h-y’yw-a o-’awyky-ukat o-kywyr-a upe**
mulher-N 3-flecha-N 3-fazer-CAUS 3REFL-irmão-N DAT

‘A mulher mandou seu irmão fazer as flechas dele (outro)’ (Seki 2000: 292)

Em Guaraní, Velázquez-Castillo (2002) observa a ocorrência desse tipo de construção causativa e sua raridade, quando trata de duas construções causativas morfológicas distintas, afirmando que a primeira ocorre com prefixo, já abordada anteriormente, e a segunda com o sufixo -uka, sobre esta última ocorrência a autora afirma que

The second causative morpheme, -uka (CAUS2), is in complementary distribution with mbo- in that it combines with transitive verbal predicates, including those derived with CAUS1 mbo-, but never with intransitive predicates. Not surprisingly, CAUS2 is considerably less frequent than CAUS1. Only 16% of all morphological causatives found in the texts examined were CAUS2. (Velázquez-Castillo 2002: 523)

Nota-se que o sufixo de causativização -uka que ocorre em Guaraní é semelhante ao que ocorre no Nheengatu do século XIX, ocorrendo sempre com eventos transitivos e sendo muito menos frequente do que as construções causativas com o prefixo de causativização. No caso do Guaraní, apenas 16% de todas as ocorrências causativas encontradas pela autora correspondem a esse tipo de construção causativa com sufixo. Nas narrativas registradas por Barbosa Rodrigues (1890), verificou-se apenas quatro ocorrências de causativas sufixais, as quais constam como exemplo na seção 3.2, o que indica a raridade dessa ocorrência morfológica no Nheengatu do século XIX. Por fim, ressalta-se que Rodrigues (1953) não evidencia a ocorrência de construções causativas perifrásticas no Tupinambá, evidenciando um distanciamento entre esta língua e o Nheengatu do século XIX em se tratando da construção de estruturas causativas. A causativa sufixal -care é bastante rara.

4.2 Comparação do Nheengatu do século XIX com o atual

Como visto na seção 3, o Nheengatu do século XIX apresenta três construções causativas: a prefixal, com morfema mo- (∞ mu-); a sufixal, com morfema -care e a perifrástica. As duas primeiras, morfológicas, são conservadoras, uma vez que já estavam presentes no Tupinambá, como visto na seção 4.1. Por sua vez, em Nheengatu do século XXI, ocorre apenas a causativa prefixal, com morfema mu-, com alomorfe suprasegmental nasal, e a construção perifrástica com verbo auxiliar mundu 'mandar'. Em primeira instância, ressalta-se que as estruturas causativas com prefixo mu- eram recorrentes no século XIX. A única diferença entre a construção oitocentista e a atual diz respeito à alomorfia. No século XIX, o morfema mo- era produzido em variação livre como mo- ou mu-, ao passo que no século XXI, o morfema mu- ocorre como mu- ou como morfema suprasegmental de nasalidade⁵. A causativa com prefixo mo- ocorre apenas com predicados intransitivos, como ilustrado nos exemplos a seguir:

⁵Para detalhes a respeito da alomorfia deste morfema no século XXI, ver Da Cruz (2011: 45-51).

- (18) a. **tau-semu=wã**
 3PL.A-sair=PFV
 ‘Já saíram.’ (Da Cruz 2011: 292)
- b. **tau-mu-semu nhaã se-kunhantai**
 3PL.A-CAUS-sair DEM 1SG.NA-menina
 ‘Fizeram aquelas meninas saírem.’ (Da Cruz 2011: 292)
- (19) a. **ya-yasuka garape upe**
 1PLA-banhar igarapé LOC
 ‘Banhávamos no igarapé.’ (Da Cruz 2011: 292)
- b. **u-mi-yasuka u-iku yepe taina-miri**
 3SGL.A-CAUS-banhar 3SGL.A-estar INDF criança-DIM
 ‘Estava banhando uma criancinha.’ (Da Cruz 2011: 292)
- (20) a. **kurumi u-kiri menino**
 3SGL.A-dormir
 ‘O menino dormiu.’ (Da Cruz 2011: 292)
- b. **a-mu-kiri se-mbira**
 1SG.A-CAUS-dormir 1SG.NA-filho
 ‘Fiz meu filho dormir.’ (Da Cruz 2011: 293)

Além da causativa prefixal que ocorre com verbos intransitivos, encontra-se em Nheengatu atual a causativa perifrástica com verbo mundo⁶ com verbos transitivos, como se pode observar em (21), e com alguns verbos intransitivos em que o argumento único recebe o papel temático prototipicamente AGENTE⁷, como em (22)⁸. Observe que a estrutura em (21) e (22) é a mesma que já ocorria em Nheengatu oitocentista.

- (21) **a-su a-mūdu tu-munhã yāda=rã escola**
 1SG.A-ir 1SG.A-mandar 3SGL.A-fazer 1PLA=FIN escola
Ũbue=rãa
 3SGL.A-ensinar=FIN
 ‘Vou mandar eles fazerem para nós escola para ensinarem.’

⁶ Apesar da semelhança com o verbo mandar do Português, o verbo mundo não é um empréstimo desta língua, mas tem sua origem etimológica no próprio Tupinambá mo-ndó {CAUS-ir} ‘fazer ir’.

⁷ Esses verbos podem ser analisados como inergativos, utilizando um modelo de análise a partir da hipótese de inacusatividade de Perlmutter (1978). Essa discussão, no entanto, ultrapassa os limites desta pesquisa.

⁸ Trata-se, no entanto, de uma ocorrência mais rara, verificada apenas em dados elicitados.

(22) **profesor u-mundu ya-wata kaa rupi**

Professor 3SGL.A-mandar 1PL.A-andar mato PERL

‘O professor nos mandou andar pelo mato.’ [dado elicitado] (Da Cruz 2011: 186)

No Nheengatu do século XXI, não há mais causativas com o sufixo *-care*. Essas construções foram totalmente substituídas pela construção perifrástica.

5 Resultados

O quadro 1 expõe a síntese dos resultados obtidos com a análise diacrônica comparativa entre Tupinambá (século XVII), Nheengatu oitocentista (século XIX) e Nheengatu contemporâneo (século XXI). O símbolo (+) indica que a construção ocorria na língua, e (-) indica a não ocorrência.

Construções causativas	Tupinambá	Nheengatu (séc. XIX)	Nheengatu (séc. XXI)
Construções prefixal	(mo-)	(mo- ∞ mu-)	(mu- ~ [NASAL])
Construções sufixal	(-ukat)	(-care)	-
Construções perifrásticas	-	(mundu V)	(mundu V)

Quadro 1: Comparação dos tipos de construção causativa nos três períodos analisados.

No quadro 1, é possível observar que a construção causativa prefixal *mo-* mantém-se estável do Tupinambá até o Nheengatu do século XXI. Trata-se em todos esses séculos da construção causativa mais simples que permite aumentar a valência de predicados intransitivos. A única modificação que sofre o morfema é em relação às regras fonológicas das línguas: *mo-* no Tupinambá; em variação livre com o alomorfe *mu-* em Nheengatu do século XIX; e *mu-*, com alomorfe suprasegmental nasalidade⁹. Por sua vez, houve uma transformação na forma de marcar causativas com verbos transitivos. Entre o século XVI, quando o Tupinambá foi primeiramente registrado, e o Nheengatu do século XIX, havia uma construção com sufixo *-(u)kar* (representado por Barbosa Rodrigues por *-care*). No século XIX, no entanto, observa-se que a duas construções concorrentes para aumentar valência de verbos transitivos: a construção conservadora com sufixo *mu-* e a construção perifrástica com verbo auxiliar *mundu* ‘mandar’. Essa construção perifrástica assemelha-se à construção perifrástica do Português Brasileiro. No esquema em (23), o paralelismo

⁹Entre os séculos XIX e XXI, a vogal /o/ deixou de existir em Nheengatu, uma vez que a distinção /o/ e /u/, existente em períodos anteriores de desenvolvimento da língua, foi neutralizada.

das construções perifrásticas entre Nheengatu e Português é indicado. Em ambas, o verbo auxiliar mundu / mandar é preposto ao verbo principal (lexical). Deve-se ressaltar, porém, que esse paralelismo ocorre apenas com verbos transitivos e uma pequena classe de intransitivos, como wata ‘andar’ e yana ‘correr’. Com muito mais frequência de uso, encontra-se em Nheengatu contemporâneo a construção causativa mu-, conservada do Tupinambá. Para verbos intransitivos, portanto, o Nheengatu conserva o padrão tipológico das línguas Tupi-Guarani, de modo que a construção não tem paralelos com a construção do Português, como evidencia o esquema em (24).

(23) **VERBO AUXILIAR VERBO PRINCIPAL OBJETO**

a-mundu	tu-munhã	iskola
1SG.A-mandar	3PL.A-fazer	iskola
‘Mandeí construírem escola.’		

(24)

Nheengatu		VERBO DERIVADO POR CAUSATIVO	ARGUMENTO ÚNICO
		A-mu-kiri	kurumi
		1SG.A-CAUS-dormir	menino
Português Brasileiro	Fiz	o menino	dormir
	AUXILIAR	ARGUMENTO ÚNICO	VERBO PRINCIPAL

Para entender esse processo de mudança linguística precisamos ter em conta o contexto histórico de multilinguismo em que a língua geral amazônica se desenvolveu desde o Tupinambá ter sido levado para a região em 1616, data da fundação de Belém. Segundo Bessa Freire (2004), entre o século XVII e o final do século XVIII, o Nheengatu estava em expansão na Amazônia, substituindo outras línguas indígenas. Esperar-se-ia que nesse processo de substituição linguística, a construção causativa também fosse alterada. No entanto, é preciso ter em conta que nesses primeiros séculos de expansão pela Amazônia, o Tupinambá (já denominado língua geral brasílica) estava substituindo línguas que tipologicamente também utilizam causativas morfológicas. Como observado no mapa da figura 3, retirado de Song (2013), as construções causativas morfológicas são comuns nas línguas amazônicas, independentemente da família linguística. No mapa (Figura 3), os pontos vermelhos, que ocorrem na bacia amazônica, indicam causativas que ocorrem por afixos no verbo (ou seja, mesmo padrão tipológico das línguas da família Tupi-Guarani); os pontos em azul indicam causativas feitas por meio de composição de raízes verbais; os pontos em roxo indicam a existência de causativas por composição

e por afixação; e, por fim, o ponto branco indica a não-existência deste tipo de construção.

Fig. 3: Construções Causativas não-perifrásticas na América do Sul. Adaptado de Song (2013).



Assim mesmo submetido a intenso contato linguístico, o Nheengatu parece ter preservado as estruturas conservadoras, porque estava substituindo línguas tipologicamente similares. No século XIX, no entanto, a situação do Nheengatu se altera. Segundo Bessa Freire (2004):

Na segunda metade do século XIX, o português passou a ser a língua falada pela maioria da população amazônica, tornando-se a língua dominante de comunicação regional: a força de trabalho e as demais mercadorias eram compradas e vendidas quase sempre em português, usado na família, na escola, na rua, nos meios de comunicação, na igreja, nos tribunais, nos sindicatos, no trabalho, na comunicação cotidiana, preenchendo plenamente as funções de comunicação corrente e técnico-prática. (Bessa Freire 2004: 142-143)

Neste mesmo período,

A LGA [Língua geral amazônica, chamada aqui de Nheengatu] foi afastada, então, do perímetro “urbano” e, portanto, das práticas

sociais de maior prestígio, abandonando grandes áreas em que era hegemônica – como o rio Solimões e o baixo Amazonas – para ficar confinada nos núcleos indígenas do rio Negro. Assim, no século xx, bastante transformada, ela permaneceu nas malocas, como uma língua definitivamente indigenizada, circunscrita apenas às aldeias e aos usos restritos das práticas sociais nelas exercidas. (Bessa Freire 2004: 172)

É neste período que aparecem as construções causativas perifrásticas, que emergem pelo contato intenso com o Português Brasileiro.

6 Considerações Finais

Em conferência ao ciclo de debates ABRALIN AO VIVO, Salikoko Mufwene foi questionado acerca do Nheengatu. Perguntaram-no se seria um crioulo. Mufwene prontamente respondeu:

That is what I call colonial linguistics, because is something non-european we jump into the conclusion that must be a creole. What we should be doing is to [see] the historical [evidences] and show how the languages variety has emerged and so far. I think we shouldn't pay so much attention to the labels. [...] The labels bias the way we deal with these varieties. (Mufwene, 2020, nossa transcrição da conferência)

Essa mesma pergunta havia sido feita por um dos autores deste artigo, Aline da Cruz, ainda em seu doutorado. E desde então, seguindo Mufwene, temos seguido essa orientação de estudar o Nheengatu em três frentes: (1) a descrição e análise sincrônica da língua (Da Cruz 2011, 2014a, 2014b); (2) a emergência de novas estruturas linguísticas como a concordância de número entre o século xix e o xxi (Da Cruz 2015); e, mais recentemente, (3) a comparação com línguas Tupi-Guarani, permitindo observar como línguas da mesma família em diferentes situações de contato, têm gradualmente se afastado do que teria sido reconstruído para o Proto-Tupi-Guarani (Da Cruz 2016; Praça, Magalhães e Da Cruz 2017; Da Cruz & Praça, 2019; Magalhães, Praça & Da Cruz 2019). Nesse mesmo caminho, o estudo aqui apresentado sobre o Nheengatu mais uma vez confirma a necessidade de estudar essa língua no âmbito das línguas Tupi-Guarani. Como demonstramos, o Nheengatu manteve até o século xix, as duas construções morfológicas de causativo, conservadoras e cognatas às estruturas do Tupinambá. A manutenção dessas estruturas coincide com o período histórico de expansão do Nheengatu, sendo essa língua utilizada para substituir outras línguas amazônicas, que, em sua maioria, também apresentam construções causativas morfológicas. Apenas,

entre o século XIX e XXI, a construção causativa sufixal é substituída por uma construção perifrástica, similar à construção de causativa do Português Brasileiro. A inovação, no entanto, é apenas sobre os verbos transitivos, uma vez que para aumentar a valência de predicados intransitivos, o Nheengatu contemporâneo continua utilizando o morfema *mu-*, conservando, portanto, estruturas da família Tupi-Guarani. Em termos sócio-históricos, a emergência da construção perifrástica pode ser interpretada como consequência do aumento do grau de bilinguismo com o Português, a partir da segunda metade do século XIX.

Abreviaturas

1, 2, 3: primeira, segunda, terceira pessoa; A: série ativa (sujeito de verbo transitivo; argumento único de verbo intransitivo ativo); CAUS: causativo; COM: comitativo; DAT: dativo; DEM: demonstrativo; INT: interjeição; PL: plural; PFV: perfectivo; LOC: locativo; N: caso nuclear; NA: série não-ativa (argumento único de verbo estativo; complemento de nomes e posposições); RED: reduplicação; REFL: reflexivo; REP: reportativo; = : fronteira de clítico.

Apêndice

Apresentamos outras ocorrências de sintagmas oracionais encontradas em Barbosa Rodrigues (1890) com verbos morfologicamente modificados pelo prefixo de causatividade *mu-*:

i. **Aé uana apegua o-meen i-chupé arama quicé. U-mu-néo**

3SG já homem 3A-dar 3NA-DAT FIN faca. 3A-CAUS-meter

i-peá pupé, u-are u-manu uana.

3NA-coração em 3A-cair 3A-morrer PFV

‘O homem deu-lhe logo a faca. Meteu-a no coração, caiu e logo morreu.’ (p.36)

ii. **U-pecêca tatá-puinha u-m-bure i-petêtuaua**

3A-pegar brasa 3A-caus-botar 3NA-cachimbo

u-mu-ndêca

3A-CAUS-acender.

‘Ele pegou a Brasa e acendeu seu cachimbo.’ (p.72)

iii. **Cenemue u-yururé i-tupana cupê u-mehê arama Amana**

Camaleão 3A-pedir 3NA-deus DAT 3A-dar FIN Chuva

puhy u-mu-ruru arama.

fina 3A-CAUS-molhar FIN

‘O camaleão pediu a seu deus que desse uma chuva fina que molhasse o pelo da preguiça.’ (p.162)

- iv. **Ay coité u-yururé i-Tupana cupê u-mehê arama amana**
 Preguiça então 3A-pedir 3NA-deus DAT 3SG-dar FIN chuva
uaçu piratan u-mu-apu arama Cenemue marica.
 grossa forte 3-A-CAUS-roncar FIN Camaleão barriga
 ‘A preguiça pediu também ao seu deus que desse uma chuva grossa e forte
 que fizesse roncar a barriga do camaleão.’ (p.162)
- v. **u-mu-caen bóia uaçu.**
 3A-CAUS-assar cobra grande
 ‘Assaram a cobra grande.’ (p.188)
- vi. **u-mu-cameen ycuara mame u-rico uaá y.**
 3A-CAUS-mostrar poço quando 3A-poço que água
 ‘Mostrou o poço em que tinha água.’ (p.222)
- vii. **Cunauaru etá u-mu-yié chunambucu u-munu i-oca**
 Cunauarus PL 3A-CAUS-descer rapariga 3A-mandar 3NA-casa
queté.
 para
 ‘Os Cunauarus fizeram descer a rapariga e a mandaram e para casa.’ (p. 66)

Referências

- Barbosa Rodrigues, João. 1890. *Poranduba amazonense, ou kochiyima-uara porandub, 1872-1887*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos.
- Bessa Freire, J. R.; Rosa, M, C. 2003. *Línguas Gerais: política linguística e catequese no período colonial*. Rio de Janeiro, Ed: UERJ.
- Bessa Freire, J. R. 2004. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro, Ed: UERJ.
- Bruno, A. C. 2006. The Causative Construction in Waimiri Atroari. *Revista Liames* 6: 101-108.
- Da Cruz, Aline. 2011. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht: LOT.
- Da Cruz, Aline. 2014a. Reduplication in Nheengatú. In: Gale Goodwin Gómez; Hein van der Voort. (Org.). *Reduplication Indigenous Languages of South America*, 7: 114-140. Led Leiden: Brill. DOI: 10.1163 / 9789004272415_006
- Da Cruz, Aline. 2014b. Cisão morfológica em construções bitransitivas em Nheengatu. *Signótica* 26: 265-285. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v26i2.30004>

Da Cruz, Aline. 2015. The rise of number agreement in Nheengatu. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas* 10: 419-439. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222015000200011>

Da Cruz, Aline; Praça, W. N. 2019. Innovation in Nominalization in Tupi-Guarani Languages: A comparative analysis of Tupinambá, Apyãwa and Nheengatu. In: Roberto Zariquiey; Masayoshi Shibatani; David W. Fleck. (Org.). *Nominalization in Languages of The Americas*, 1: 625-655. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/tsl.124.18cru>

Da Cruz, Aline. 2016 Towards an understanding of the origin of aspectual marks on nouns: evidence from Nheengatu and Tupinambá. In: Queixalós, F; Gomes, D.. (Org.). *O Sintagma Nominal em Línguas Amazônicas*, 1: 45-74. São Paulo: Pontes Editora.

Edelweiss, Frederico G. 1969. *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editôra.

Fernández, Z. E. 2001. Causatividad en Pima Bajo. *Revista Liames* 1: 89-103.

Gomes, D. M. 2005. Passiva em Mundurukú (Tupí): uma interseção entre reflexivas/recíprocas e causativas de transitivo. *Revista Liames* 5: 43-53.

Heine, Bernd et al. 1991. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lima-Schwade, Michéli Carolíni de Deus. 2020. “Tupi” do Rio Andirá: o Nheengatu no Médio Rio Amazonas. Unicamp: Manuscrito inédito de tese de doutoramento em andamento.

Magalhães, M. M. S.; Da Cruz, Aline; Praça, W. N. 2019. A morfologia transcategorial e sua relação com o padrão omnipredicativo em línguas da família Tupi-Guarani. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem* 17: 69-94.

Martellota, M, E. 2013. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto.

Mufwene, Salikoko S. How Pidgins Emerged? Not as We Have Been Told. Palestra proferida no ABRALIN AO VIVO, fev. 2020. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/salikoko-s-mufwene/>, Acesso em: 10/08/2020.

Perlmutter, David. 1978. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. *Proceedings of the fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 38: 157-189. DOI: <http://dx.doi.org/10.3765bls.v4i0.2198>

Praça, W. N.; Magalhães, M. M. S. ; Da Cruz, Aline. 2017. Indicativo II da família Tupi Guarani: uma questão de modo?. *Revista Liames* 17: 39. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/liames.v17i1.8646480>

Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1953. Morfologia do verbo Tupi. Disponível em: <http://www.etnolinguitica.org/biblio:rodrigues-1953-morfologia>, Acesso em 25/07/2020.

Seki, Lucy. 2000. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Shibatani, M. 1976. *Causativization. Syntax and Semantics: Japanese Generative Grammar*. Academic Press: New York, 5, p. 239-294.

Shibatani, M. 2002. *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia. n° 48.

Song, Jae Jung. 2013. Nonperiphrastic Causative Constructions. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <<https://wals.info/chapter/111>>, Acesso em 08/08/2020.

Velázquez-Castillo, Maura. 2002. Guaraní causative constructions. In: Shibatani, M. (org.) *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*, 507-534. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia. n° 48. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.48.18vel>

Recebido: 13/05/2020

Aprovado: 25/06/2020
